

A ESTÉTICA URBANA NO PROJETO DE SATURNINO DE BRITO (1887-1929)

THE URBAN A ESTHETICS IN THE WORK OF SATURNINO DE BRITO

ARRUDA, Juliana Bandeira de

Arquiteta pela Universidade Federal de Pernambuco, mestranda do programa de pós-graduação em desenvolvimento urbano MDU/UFPE. E-mail: julibandeira@yahoo.com.br

SÁ CARNEIRO, Ana Rita

Arquiteta, PhD, professora da graduação e pós-graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPE, membro do Centro de Conservação Integrada Urbana e Territorial – CECI e coordenadora do Laboratório da Paisagem da UFPE. E-mail: anaritacarneiro@hotmail.com

RESUMO

O presente texto foi desenvolvido a partir do Projeto de Pesquisa do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU/UFPE, 2006), e traz uma abordagem do pensamento estético-paisagístico de Saturnino de Brito, engenheiro reconhecido por suas obras sanitárias e também considerado um dos primeiros urbanistas modernos a ter uma visão de cidade em sua totalidade e enquanto obra de arte. O objetivo principal é compreender a gênese do paisagismo no Brasil a partir das práticas de Saturnino de Brito pelas cidades brasileiras, por meio de uma caracterização da estética urbana implantada por Saturnino de Brito em suas obras de saneamento, melhoramentos e expansão nessas cidades. Discute-se também quais os princípios paisagísticos empregados em particular no Recife que direcionaram o Plano de Melhoramentos para a cidade e algumas das práticas políticas atuais. A pesquisa considerou os principais planos de saneamento, melhoramentos e expansão das cidades brasileiras, dentre eles: Vitória – ES (1896-1926), Santos – SP (1905-1910), Recife – PE (1909-1915), Pelotas – RS (1927-1929) e Natal (1935-1939). Neles, focalizando o principal elemento estruturador desses planos e, de sua paisagem: os canais de drenagem a céu aberto. Dessa forma, diante da constatação do crescente desenvolvimento das cidades, uma consciência das práticas urbanas relacionadas a história do lugar torna a discussão do tratamento da paisagem urbana primordial para a visão de uma cidade saudável e que respeite as raízes de sua formação.

Palavras-chave: Urbanismo, sanitário, paisagismo.

ABSTRACT

This text, based on the Master Project for the graduate course in Architecture and Urban Planning (MDU/UFPE, 2006), addresses the Saturnino de Brito's thought in its aesthetic and paisagistic issues. Remarkable engineer in sanitarian field and also considered one of the first ones modern city planner who have a global vision of the city and as an object of art. The main objective is to understand the beginning of the paisagism planning in Brasil using the Saturnino de Brito's experiences taking account of the sanitation improvements, urban improvements and expansion plans of the cities. Also discussed is the question of what are the paisagistic principles considered especially in Recife, which guided the Plan of Improvements for the city and also some of the political practices. The study investigates the main sanitation plans, improvements plans and expansion plans of the Brazilian cities: Vitória – ES (1896-1926), Santos – SP (1905-1910), Recife – PE (1909-1915), Pelotas – RS (1927-1929) and Natal (1935-1939). In each one were investigated the main structural element of these plans and landscape, too: the draining canals in open air. So, The basic premise of this work is that, in view of the increase development of the cities, a critical and conscientious vision of the urban practices based on the history of the place make the discussion about the urban landscape's treatment essential for a healthy city that respects its historical roots.

Key words: Urbanism, sanitarian, paisagism.

Introdução

O ritmo “frenético” de construção da “cidade moderna” no início do século XX trouxe à frente das discussões mundiais a necessidade de revisão das estruturas urbanas, e com ela, o surgimento de novos profissionais preocupados com a produção de novas técnicas e com o novo tipo de relacionamento social e cultural frente ao crescimento das cidades. Essa situação significou também, a discussão em cima do surgimento de uma nova disciplina: o urbanismo.

No Brasil, o debate sobre as questões referentes à disciplina urbanística ficava por conta dos profissionais formados pelas escolas politécnicas do Rio de Janeiro e São Paulo, de onde se formavam engenheiros civis e engenheiros-arquitetos que se destacavam pela sua atuação na administração pública. Dentre eles está Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, considerado um dos pioneiros do urbanismo brasileiro, introduzindo, em seus planos, uma visão de conjunto da cidade, articulando questões viárias, de saneamento e de estética.

No Recife, vários planos foram implantados, que, em geral, abordavam soluções para o sistema viário e, de certa forma, haviam idéias avançadas. No entanto, a cidade ignorou esses planejadores visionários, que, caso seus planos fossem continuados, poderíamos arriscar dizer que, teriam dado um outro rumo para a metrópole. Assim foram as intervenções de Maurício de Nassau, no século XVII e as de Saturnino de Brito em 1909.

É preciso que ao se pensar as cidades, seu planejamento tenha como premissa o desejo político por parte do corpo técnico e dos cidadãos, em que a revisão de conceitos e boas idéias trabalhadas no passado, possam ser geradoras ao longo da história, de boas intenções e práticas para a cidade. É com essa preocupação que desejamos contribuir para a discussão da relação entre história e projeto de paisagismo no Brasil. Pensamento este, que ainda hoje, permite que se visualize um futuro em que a cidade se relacione melhor com o ambiente natural, o construído e a população, ajudando-a, a um dia, recuperar as paisagens de sua história.

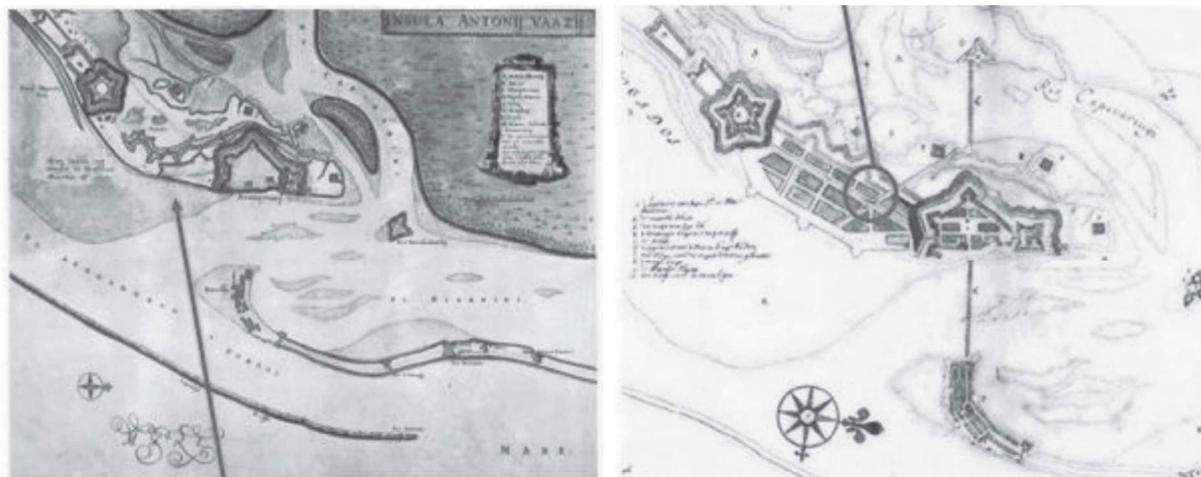
1 – O princípio

Para perceber a evolução da arte paisagística no Brasil, vale lembrar que o paisagismo enquanto disciplina, ainda é bastante questionado e discutido nos dias atuais. De maneira geral, o princípio de sua formação, pode ser atribuído ao contexto da cultura urbanística do século XX, onde as questões estéticas da cidade estavam ligadas a um urbanismo sanitaria e de soluções técnicas. No entanto, Burle Marx em 1934 surge como o principal divulgador da arte paisagística do Brasil criando jardins e parques segundo princípios, estéticos, higiênicos e educadores. Mas é em fins do século XX quando as três principais questões urbanas discutidas em todo o mundo: “a higiene, a circulação e a estética” (COSTA, 2001, p. 83) começam a entrar em conflito. Pouco se desenvolvem obras ligadas à higiene e à estética, e crescem as obras ligadas à circulação sem o adequado equilíbrio do ambiente.

No Recife, podemos destacar dois principais momentos em que percebe-se a preocupação da construção da cidade e de sua paisagem. São eles: o século XVII durante a ocupação holandesa (1630-1657) com as obras do conde João Maurício de Nassau e o início do século XX com as obras do engenheiro Saturnino de Brito.

A cidade do Recife cresceu em constante luta na relação terra-água gerando desequilíbrios no ambiente natural e construído. A primeira tentativa de equilibrar essa relação veio com o conde João Maurício de Nassau em 1637, que encomenda ao arquiteto Pieter Post um plano de urbanização para uma nova cidade (Mauritzstad). O plano previu um traçado de intervenção urbana com a drenagem do braço de rio existente a partir da construção de canais. Nassau construiu casas, ruas, pontes, palácios e jardins compatibilizando o novo traçado com a topografia e os cursos d’água de forma consciente. Surgem as primeiras obras de aterro e aparecem os primeiros

canais (Figura 1. Plano do Recife antes da intervenção de Nassau, 1637 e Plano do Recife de Pieter Post, 1639).



Figuras 1: Planta do Recife antes da intervenção de Nassau (1637), acima, e Plano de intervenção previsto por Pieter Post (1639), abaixo, nota-se o desenho de canal para o braço de rio
Fonte: REIS, Nestor Goulart, 2000, p. 87

Com Nassau nasceu a arte paisagística recifense, pois ele foi o pioneiro em trabalhar a paisagem do Recife, onde a natureza participava do plano. Ou seja, a contribuição holandesa executava uma forma de traçado que garantia o equilíbrio e a proporção entre os elementos envolvidos (terra e água). Seu plano, era de integrar, via o eixo dos canais de drenagem, o antigo, representado pela vila existente de origem portuguesa, o novo, representado pelo traçado holandês, e a futura expansão, esta representada pelo possível ocupação do “continente” o atual bairro da Boa Vista, destacando três elementos na formação da paisagem: o traçado, a vegetação e os canais.

Em fins do século XIX e início do XX começa a mudar a relação de uso das águas pela população recifense. Os meios de transporte deixavam as águas (canoas) para ganhar as terras (trens e

automóveis), as águas antes tão limpas e próximas da população, agora estavam imundas vistas como fonte de doenças. Para modificar o preocupante quadro sanitário do Recife, buscava-se por propostas de saneamento. Assim o Governo do Estado encomendou o projeto e a implantação do serviço de saneamento ao engenheiro sanitarista Saturnino de Brito em 1909, onde estava terminando os projetos da cidade de Santos e que, chegando ao Recife em 1910, a cargo da Comissão de Saneamento, promoveu grandes mudanças no setor. (Figura 2. Fotografia do engenheiro Saturnino de Brito 1864-1929).



Figura 2: Engenheiro Saturnino de Brito (1864-1929)
Fonte: BRITO, 1944, Vol. XXII, p. 03

O seu urbanismo sanitarista e os princípios do traçado sanitário foram a base para sua contribuição maior: a visão da cidade como um todo, ilustrada nos seus Planos Gerais e Planos de Conjunto. Onde, no Recife, novamente via-se a valorização da natureza. O traçado, a vegetação e principalmente a água estruturada por canais, foram o fio condutor das intervenções desse engenheiro que combinava as técnicas sanitárias, artísticas e também paisagísticas.

2 – Os planos de Saturnino de Brito¹

A trajetória profissional de Saturnino de Brito (1887–1929) se desenrola dentro da cultura urbanística do final do século XIX, num contexto de industrialização e de explosão demográfica nas cidades européias, chegando mais tarde às cidades brasileiras. Influenciado pelas idéias estéticas de Camillo Sitte, apoia-se na idéia do “pinturesco”, na concepção de cidade-jardim de Howard, incorporando elementos urbanísticos nas novas cidades e suas expansões, como as vielas sanitárias e as avenidas de fundo de vale, e ainda, nas formulações dos membros da Société Française des Urbanistes (SFU). Tem a visão da cidade como um todo e defende a necessidade dos Planos Gerais e Planos de Conjunto.

O surto modernizador baseado principalmente no saneamento de cidades portuárias, levou Saturnino de Brito a elaborar os Planos de Conjunto para as principais cidades brasileiras. O Plano de Vitória- ES (1896-1926), Santos-SP (1905-1910), Recife-PE (1909 1915), Pelotas-RS (1927-1929), e após sua morte, Natal-RN (1935-1939), são aqui postos como exemplos ilustrando os princípios da paisagem “saneada”. Esses princípios são: o traçado, a vegetação e a água.

A compreensão do seu pensamento referenciando-se nas propostas para os planos das cidades brasileiras que aliava os princípios sanitaristas a novos elementos do nascente movimento modernista em arquitetura e urbanismo, incorporando os projetos arquitetônicos a uma proposta de expansão para a cidade. A proposta comportava basicamente: um projeto para o saneamento, englobando o esgotamento sanitário e o abastecimento d’água; um plano de expansão para a cidade, com a incorporação de bairros residenciais e um projeto de melhoramentos urbanos. Como afirma Andrade, (1992, p. 209): “A preocupação de Saturnino com a estética estará presente em toda a sua obra.”

2.1 – O plano de Vitória – ES – 1806-1920

Passamos, agora, a demonstrar o pensamento estético-paisagístico de Saturnino de Brito em seus planos e obras. Estas foram elencadas mediante a sua contribuição de acordo com o tema abordado, seguindo uma ordem cronológica de sua construção e de sua atuação profissional. Nesse sentido, Saturnino de Brito começou pela cidade de Vitória – ES, na qual o plano previa além do saneamento o projeto de um Novo Arrabalde (1896-1926) (Figura 3. O projeto de um Novo Arrabalde, Vitória, ES, 1806-1920).

O traçado que estabeleceu para o Novo Arrabalde trouxe a encruzilhada e avenidas diagonais, em uma malha ortogonal, prevendo avenidas ao longo dos vales dos morros expondo vistas pinturescas, e distribuindo preliminarmente a área em zonas classificadas em três núcleos: Novo Arrabalde, Vila Monjardim e Vila Hortícola.

Quanto à vegetação, tirou partido de uma característica natural: os morros, e criou bosques com vegetação de eucaliptos, caminhos e locais de observação, como o Bosque da Barrinha no Morro Barro Vermelho, previu também rótulas ao longo das avenidas ou com elas compondo, realizando, de vez em quando, descansos à vista das longas retas, com paisagens intermediárias compostas de jardins.

A contribuição mais significativa, segundo Carlos de Andrade, estaria no pioneirismo do desenho prever a implantação de melhoramentos e elementos do urbanismo pinturesco, valorizando a água e garantindo a tríade de exigências clássicas – segurança, conforto e beleza. “Assim, situado entre o campo e a cidade, o projeto de Brito trazia em seu bojo, ainda que de modo incipiente, mas antes mesmo das realizações de Unwin e Parker nos arredores londrinos a concepção de subúrbio-jardim.” (ANDRADE, 1999, p. 197)

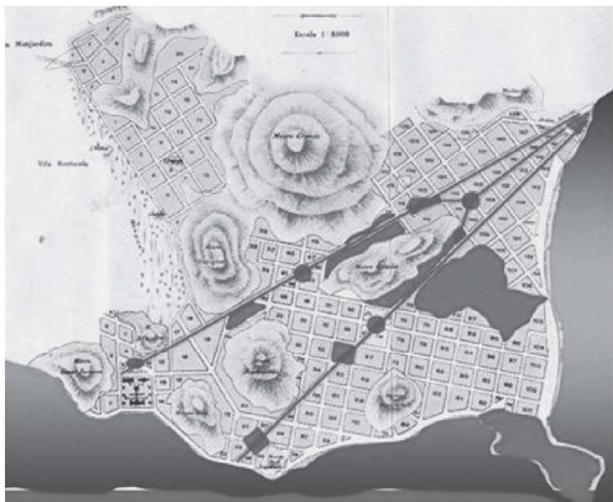


Figura 3: O projeto de um Novo Arrabalde, Vitória, ES, 1806-1920
Fonte: BRITO, Francisco Saturnino Rodrigues de. Obras completas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944. Vol. V

2.2 – O plano de Santos – SP – 1905-1910

No Plano de Saneamento de Santos – SP (1905-1910), trouxe a concretização dos canais de drenagem como elementos estruturadores da malha urbana e de sua paisagem. Assim, para o traçado, estabeleceu uma malha geométrica, definida sob terreno plano, com avenidas diagonais, construiu um conjunto de nove canais de drenagem superficial, aproveitando, tanto quanto possível, a localização dos rios e riachos existentes, tendo seu uso, além da drenagem superficial das águas pluviais, como eixo de longas avenidas, definidoras da expansão urbana (Figura 4. O Saneamento de Santos, São Paulo, SP, 1905-1910).

Com intuito de amenizar a rigidez da malha, fez uso da vegetação com avenidas arborizadas, mudanças de direção, jardins e grandes praças, evitando a monotonia, propondo uma enorme via que, vindo da ponta do morro do José Menino, tomava direções diversas, cortava o centro da planície e se dirigia à Ponta da Praia, onde se bifurcava até atingir o mar com arborização, parques em locais diversos, e a construção dos jardins, nos 7 quilômetros da praia.

Esse projeto da obra de Brito, é considerado por Andrade (1992, p.137) a sua “*mais importante obra urbanística construída*”. Os jardins da praia tornaram-se marca da cidade, assim como os canais e suas águas, muitos deles embelezados por árvores nas calçadas laterais. A solução de canais foi uma experiência bem sucedida de Santos, tanto que a importância dessa obra pode ser comprovada: os canais de Santos foram tombados, no ano de 2001, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo – Condephaat (SIQUEIRA, apud Real, 2003, p. 61).



Figura 4: O saneamento de Santos, São Paulo, SP, 1905-1910.
Fonte: BRITO, Francisco Saturnino Rodrigues de. Obras completas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944. Vol., VII

2.3 – O plano de Recife – PE – 1909-1915

Posteriormente, em Recife – PE (1909-1915), no traçado, fixou um conjunto de direcionamentos, de forma a recuperar áreas dentro da malha existente, sem recorrer ao “tecido xadrez”. Indicou um plano geral de arruamentos que implicou em aterros, canais e avenidas, propôs 2 canais estruturadores a maneira de Santos: Canal Aurora-Madalena e Taquary-Jiquiá, normas de construção de sobrados salubres, a construção de um bairro operário e previu uma cidade jardim em Tejiipió. Optou por um traçado que garantisse o adensamento e criação de parques públicos. Para tanto, a estratégia de desenho foi da ocupação das periferias, cujos vazios, segundo o autor, eram conseqüências das características naturais do sítio urbano recifense, composta por rios, ilhas e manguezais (Figura 5. O Saneamento de Recife, Pernambuco, PE, 1909-1915).

Com a vegetação, Saturnino de Brito trabalhou a criação de parques ao redor de edifícios de porte existentes como era o caso do Hospital Pedro II e seu entorno, prevendo outras edificações de porte cercadas de parques. Isso foi idealizado também com o aproveitamento das áreas de mangue e alagados, como, por exemplo, a área que ocuparia parte do atual bairro do espinheiro, e de outras áreas sujeitas a inundações, como as da ilha Joana Bezerra.

A contribuição mais significativa de sua passagem pelo Recife, trouxe a presença de uma nova estética urbana, cujas articulações se dariam com a arborização das avenidas laterais a cada canal, o verde e a água estariam sinalizando e estruturando a cidade através de um verdadeiro sistema de parques. Não que este fosse o objetivo de Saturnino de Brito, mas deixava transparecer em suas diretrizes essas intenções dentro de uma lógica global de intervenção na cidade. Assim, encontrou essa lógica sistêmica através da promoção do projeto de expansão da cidade pelas áreas periféricas.

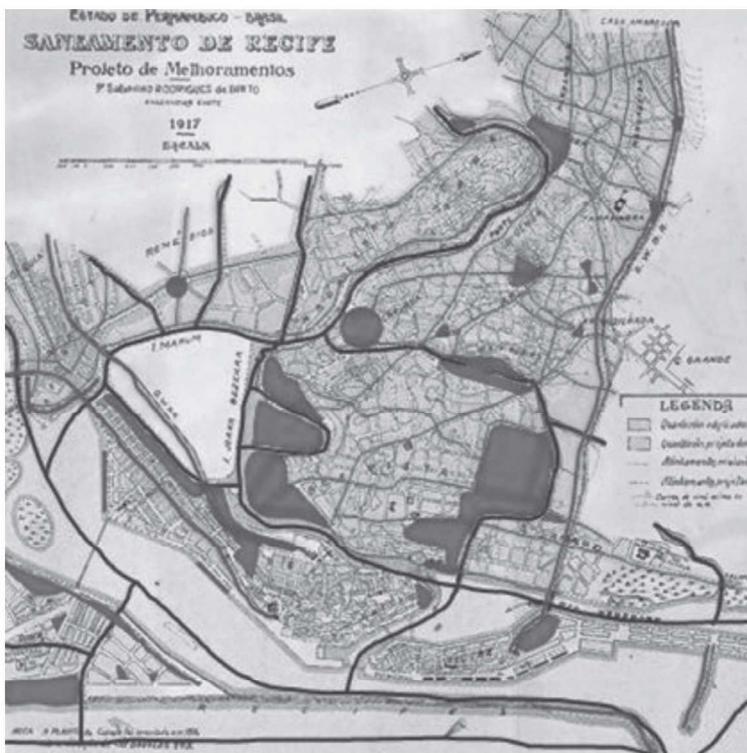


Figura 5: O saneamento de Recife, Pernambuco, PE, 1909-1915.

Fonte: BRITO, Francisco Saturnino Rodrigues de. Obras completas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944. Vol., IX

2.4 – O plano de Pelotas – RS – 1927-1929

O Plano de Saneamento e expansão para Pelotas – RS (1927-1929), também idealizado e executado por Saturnino de Brito, representa sua última obra enquanto vivo, vindo a falecer em pleno andamento das obras em 1929. Em Pelotas, o traçado idealizado era predominantemen-

te composto por ruas curvas, apesar da predominância do traçado reticulado. Por se tratar de um terreno plano não havia porque não utilizar o traçado retilíneo, no entanto havia de se ter cuidado para não exagerar nessa trama e com isso trazer a monotonia, característica existente em espaços muito retilíneos. Saturnino de Brito trabalhou muito com esses opostos, a monotonia era quebrada com a presença de sutis curvaturas de ruas compondo com as vias de circulação e avenidas marginais aos canais. (Figura 6. O Saneamento de Pelotas, Rio Grande do Sul, RS, 1927-1929).



Figura 6: O saneamento de Pelotas, Rio Grande do Sul, RS, 1927-1929

Fonte: BRITO, Francisco Saturnino Rodrigues de. Obras completas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944. Vol. XIII

O cuidado com a vegetação era visto na previsão de jardineiras marginais aos canais de drenagem, o embelezamento urbano proposto foi direcionado para que os lugares em torno das represas se tornassem áreas de lazer para a população, para os bairros onde fosse possível um novo traçado, propôs a construção de ruas sanitárias ou de pequenos parques no interior das quadras pouco ocupadas, fazendo assim a integração dessas novas formas presentes nos equipamentos sanitários com as demais formas e elementos da paisagem do lugar.

Uma possível síntese do que poderia ser a essência criativa deste projeto estava no caráter experimental e inovador que acompanhava os projetos de Saturnino de Brito. Ao adotar a solução de canais semelhantes à experiência bem sucedida de Santos, Saturnino de Brito então, aposta no funcionamento das estruturas de saneamento, cujo principal representante são as águas dos canais, para garantir a estética do espaço. A integração foi feita de tal forma que hoje podemos constatar que "o canal da rua General Argolo projetado por Brito mantém-se como marco na paisagem urbana de Pelotas" (REAL, 2003, p. 75).

2.5 – O plano de Natal – RN – 1935-1939

No Plano Geral de Obras para Natal – RN (1935-1939), após sua morte, seu filho, Francisco Saturnino Rodrigues de Brito Filho, deu continuidade à proposta original. A cidade de Natal teve

seu traçado marcado com a construção de 3 avenidas na encosta, com função de abrigar os coletores gerais dos esgotos, e ainda contando com a previsão de bairros residenciais baseados nos conceitos de unidade de vizinhança e na trama de Radburn, desenvolvida nos Estados Unidos em 1929 (MIRANDA, 1999). (Figura 7. O saneamento de Natal, Rio Grande do Norte, RN, 1936-1939.)

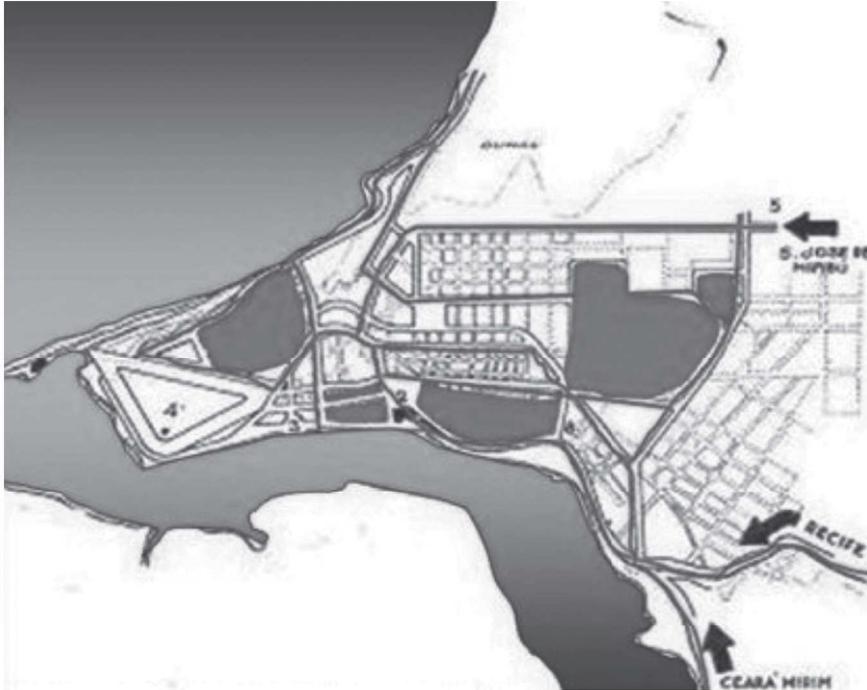


Figura 7: O saneamento de Natal, Rio Grande do Norte, RN, 1936-1939

Fonte: MIRANDA, João M. de. Evolução urbana de Natal em 400 anos, 1500-1979, Natal: UFRN, Ed. Universitária, 1999

A vegetação foi valorizada com a criação de parques circundando equipamentos sanitários, como os reservatórios de água, e construção de grandes avenidas com canteiros centrais, procurando privilegiar a plantação de espécies nativas, dando um caráter e identidade ao lugar.

Em Natal, assim como tantos outros projetos desenvolvidos após a morte de Saturnino de Brito representa a continuação do seu ideário, por seu filho Saturnino de Brito Filho (1899-1977), conciliando os termos higiene técnica e estética na construção de sua obra e de sua paisagem.

Com todas essas influências Saturnino de Brito soube valorizar os elementos e a cultura local tirando partido de suas paisagens para a conquista de novos espaços, que nas palavras de Andrade, (1992, p. 216).

“das conquistas para o espaço urbano; o parque, a praça-jardim, a rua-parque, acrescentaríamos com o exemplo das obras de Saturnino Brito, os canais de drenagem e suas avenidas marginais, com seus passeios e pontes”.

Sem dúvida a contribuição maior de Saturnino de Brito para o planejamento urbano das cidades foi a o seu pensamento estético-paisagístico a frente do que se pensava na época, tendo na concepção de canais de drenagem a céu aberto como um sistema, associando princípios técnicos e estéticos.

3 – O Recife e as lições de Saturnino de Brito

No Recife, Saturnino de Brito foi chamado em 1909 pelo então governador Herculano Bandeira de Melo, para elaborar um novo sistema de saneamento para a cidade. É nesta cidade, que Saturnino encontra-se no período mais rico em transformações. Entre 1909 e 1915, o processo de modernização se deu através de três planos complementares e paralelos: a Reforma Urbana do Bairro do Recife (1909-1912), O Plano de Saneamento do Recife (1909-1915) e o reapare-

lhamento e modernização do Porto (1909-1926). Essas reformas significavam mais atender às demandas por modernização em função da adoção de novos valores culturais e simbólicos e dos interesses das elites, do que a solução para os problemas. Fato esse, visível na multiplicidade de comissões gerenciando cada uma das reformas empreendidas no Recife.

Foi no contexto do Recife, em meio a atmosfera reformista, que Saturnino de Brito começou a adquirir experiência e maturidade intelectual enquanto engenheiro sanitário. Expondo seu urbanismo, e sua técnica sanitária, extrapolando a implantação do sistema de esgotos da cidade garantindo, também, um sistema de abastecimento d'água e um projeto de melhoramentos e embelezamento. Neste, o foco estava em um Plano de Arruamentos visando o aproveitamento de áreas alagáveis para a futura expansão da cidade, que implicava na construção de aterros, canais e avenidas adequados aos problemas, às condições, às necessidades e ao ambiente local. (Figura 8. O Plano Geral de Saturnino de Brito para o Recife)

Contudo, o Plano do Recife, não teve o mesmo impacto visual que o de Santos. Talvez por isto não tenha recebido a devida atenção na obra de Saturnino de Brito e nem na história da cidade. No Recife, Saturnino de Brito não teve a oportunidade que teve em Santos de apresentar um Plano Geral mais amplo e detalhado, pois aqui já se encontrava uma malha urbana consolidada. De qualquer forma, sua contribuição foi de fundamental importância por expor sua visão abrangente do problema, minimizando o conflito entre o ambiente construído e a natureza, através das técnicas do saneamento e escoamento das águas, associado a necessidade de deixar terrenos livres para a estética e saúde urbana. Isso, na prática, gerou um plano que contemplava soluções técnicas, (uso do concreto armado) estéticas (abertura de canais vegetados), ambientais (aterrando área urbanizada, atentando para a manutenção do ciclo das águas subterrâneas) e até econômicas (combinando as técnicas de dragagem com a abertura de canais).

O trabalho de Saturnino de Brito foi de certo modo negligenciado pelos representantes do poder público que ignoraram a importância em dotar a cidade de um sistema de canais estruturadores com parques lineares associados a melhorias das técnicas de esgotamento sanitário. Os poucos avanços posteriores a sua morte (1929) não representaram a amplitude de sua visão. Salvo² os 2 mandatos do prefeito Antônio de Góis Cavalcanti (1922-1925) e (1931-1934), ao lado da atuação do governador Sérgio Loreto (1922-1926), cuja semelhança com as idéias de Saturnino de Brito voltava-se para a expansão da cidade em direção a periferia visando à saúde da população. Posteriormente, o prefeito Pelópidas Silveira (1955-1959), efetuou operações urbanas em espaços que ocupavam posições estratégicas, como o aformoseamento de praças e logradouros e aberturas de avenidas marginais associadas ao revestimento de canais, instituindo uma lógica global na cidade.

Podemos dizer que Saturnino de Brito e suas obras resumem-se a verdadeiras lições, que, se não mudaram, marcaram a forma de planejar as cidades brasileiras. Hoje, as intenções dos Planos Diretores, os códigos de obras e as leis relativas ao meio ambiente etc, começam a ser ilustradas pelo muito da concepção urbana de Saturnino de Brito.

4 – Conclusões

Considerando a discussão do pensamento estético-paisagístico de Saturnino de Brito em cima da relação no ensino entre História e Projeto do Paisagismo no Brasil, nos permitiram reavaliar os conceitos e as prioridades que vêm direcionando o planejamento e o crescimento urbano atual. A ponto de se considerar aquelas intervenções realizadas no passado, cujo conteúdo prima por uma valorização da paisagem local, para o desenvolvimento da cidade com crescimento urbano e o equilíbrio ambiental.

Assim foram, no Recife, as intervenções de Maurício de Nassau na construção da cidade Maurícia e de Saturnino de Brito com o Plano de saneamento e melhoramentos para a cidade do Recife.

Enquanto Maurício de Nassau foi o pioneiro em pensar o plano para a cidade com a sensibilidade de um urbanista e artista, Saturnino de Brito, em seu exercício profissional passou ao mesmo tempo por uma evolução e crescimento do seu pensamento a prática a cada trabalho desenvolvido pelas cidades brasileiras deixou uma metodologia para o enfrentamento dos problemas das cidades organizada em três níveis: o 1º nível ligado as questões de salubridade, o 2º nível ligado as questões de urbanismo e o 3º nível ligado as questões de paisagem.

No 1º nível aborda questões de salubridade: *“O saneamento é primordial”*. Toda a sua obra baseava-se nas regulamentações e exigências técnicas do saneamento, (traçado das tubulações, localização das estações elevatórias) que estavam sempre associadas às características físicas do local considerando a topografia e localização dos corpos d’água.

No 2º nível trata das questões de urbanismo: *“É preciso pensar na expansão das cidades”*. Mesmo contratado para realizar obras de saneamento (esgotamento sanitário e abastecimento d’água) Saturnino de Brito as associava a probabilidade de crescimento da cidade e, portanto, abordava as questões de regulamentação urbanística associando-as à salubridade.

E no 3º nível lida com questões de paisagem: *“Por uma cidade sã e bela”*. Além de realizar as obras de engenharia, e soluções de arquitetura (casas salubres), preocupava-se com a estética das cidades, sugerindo disposições de espaços vegetados, como bosques, margens de canais e jardins na malha das cidades que trabalhava para torná-las saudáveis, planejadas e belas.

Identificamos pontos em comum entre as duas formas de pensar a cidade como a necessidade de um plano integral para a ampliação do existente, a preocupação de ações interligadas para as diversas partes da cidade, aproveitamento das linhas naturais e do desenho urbano existente (Nassau com a linha eixo dos arrecifes, Saturnino de Brito com a malha já consolidada) e implantação de novos elementos (pontes, fortificações, canais, estações elevatórias). Suas contribuições mostraram a visão de conjunto baseada em três elementos para o seu planejamento: o traçado, a vegetação e a água.

No esforço da compreensão do pensamento estético-paisagístico de Saturnino de Brito, constatamos que as medidas estruturais sozinhas não resolvem todo o problema do ambiente. Devem ser incorporadas questões históricas e de outras realidades, partindo da visão da cidade como um todo e as experiências da população a partir da relação com a paisagem natural.

Então, com este estudo, verificamos que é necessário aprender com as lições de nosso passado, e assim como Saturnino de Brito, ensinar a trazer para as nossas cidades a beleza garantindo o crescimento saudável para o amanhã.

Notas

- (1) Neste momento, não nos detemos muito no detalhamento do projeto e das contribuições do pensamento estético de Saturnino de Brito especificamente na cidade do Recife, pois como já dito, trata-se de um trabalho maior de tratado que está sendo desenvolvido. Mostramos então esse pensamento em seus principais planos para as cidades brasileira e dentre elas está o Recife.
- (2) Vale destacar no mandato de Antônio de Góis Cavalcanti a urbanização da Campina do Derby (1922-1925). Baseava-se no conceito estético da cidade-jardim e teve como elemento primordial para o surgimento do novo bairro a construção do canal, hoje, é o Canal Derby-Tacaruna. Sem o canal o bairro não poderia existir. Isso reflete o pensamento de Saturnino de Brito quanto a necessidade utilitária e paisagística dos canais na cidade. Já no Governo de Pelópidas Silveira destacamos os primeiros registros de revestimento de canal associado a abertura de avenidas marginais, como foi o caso do Canal Derby-Tacaruna, iniciado com o projeto de drenagem da Campina do Derby e consolidado com o projeto de implantação do sistema viário por este mandato.

Bibliografia

ALMEIDA, Erika Audet de. *A articulação dos espaços públicos no Recife do século XIX*. 2001. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

ANDRADE, Carlos Roberto M. de. A cidade como um corpo são e belo: o pensamento urbanístico do engenheiro Saturnino de Brito. In: FERNADES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A de F. (Orgs.). *Cidade e história - Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. 1. ed. Salvador: Universidade Federal da Bahia/ Faculdade de Arquitetura. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, ANPUR, 1992.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRITO, Saturnino de. *Obras completas de Saturnino de Brito*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944. 23 v.

COSTA, Luis Augusto Maia. *O ideário urbano paulista na virada do século. O engenheiro Theodoro Sampaio e as questões territoriais e urbanas modernas (1886-1903)*. 2001. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001 (disponível em: www.usp.br/fau/pesquisa/1teses/index.html).

FIDEM. *Carta de nucleação Centro*. Recife, 1987.

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. *Desenho ambiental: Uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 1997.

PERNAMBUCO (Estado). *Programa de infra-estrutura em áreas de baixa renda na RMR. Prometrópole. Reabilitação urbana e ambiental na bacia do Beberibe. Estudo de diretrizes para projeto paisagístico. Eixo Rio Beberibe*. Recife, 2001.

_____. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente. *Plano Estadual de Recursos Hídricos*. Recife, 1998.

LEME, Maria Cristina da S. (Coord.). *Urbanismo no Brasil 1825-1965*. São Paulo: Stúdio Nobel, FAUUSP, FUPAM, 1999.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Valdemar. *Geologia da Planície do Recife – Contribuição a seu estudo*. 1942. Tese de concurso à Cátedra de História Natural da Escola Normal Oficial de Pernambuco. Recife: Câmera Gráfica do Jornal do Comércio, 1942.

MENEZES, José Luís da Mota. A ocupação do Recife numa perspectiva histórica. In: *Plano Diretor de Desenvolvimento da Cidade do Recife (PDCR)*. Recife: PCR/SPU, 1990. (mimeo).

RECIFE (Cidade). *Cadastro de Canais da Cidade do Recife*. Recife: PCR/SEPLAM/DIRBAM, 2000.

_____. Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente. *Atlas Ambiental do Recife*. Recife: PCR/SEPLAM/DIRBAM, 2000.

REAL, Beatriz de Oliveira Soares. *Saneamento e Urbanismo: a contribuição de Saturnino de Brito para Pelotas (1913-1929)*. 2003. Monografia (Curso de especialização em patrimônio cultural: conservação de artefatos) – Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2003.

REIS, Nestor Goulart; BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira; BRUNA, Paulo Julio Valetim. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa, 2000.

REVISTA CONTINENTE. n. 2. dez. 2002.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita. Métodos de análise dos bens materiais naturais e culturais visando à conservação. In: CECI (Org.). *Gestão do patrimônio cultural integrado*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; MESQUITA, Liana de Barros. *Espaços livres do Recife*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/UFPE, 2000.

SITTE, Camillo. *A construção da cidade segundo seus princípios artísticos*. Tradução de Ricardo Ferreira Henrique. 4. ed. São Paulo: Ática, 1992.

SPIRN, Anne W. *O jardim de granito: A natureza no desenho da cidade*. Tradução de Paulo Mesquita Pelegrino. São Paulo: Edusp, 1995.

WORKSHOP. 1995, Curitiba. *Gestão de Recursos Hídricos "Management of Water Resources"*. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

www.lyon.fr

www.pe.gov.br

www.planbleu.org

www.recife.pe.gov.br

www.waterscape.com